

QUANDO AS PALAVRAS FALHAM

Vilém Flusser

Eis o título de um simpósio que se realizou em fevereiro de 82 no Centro Internacional da Fotografia em Nova York. Título sugestivo. Sugere que a falência do discurso face a experiências extremas não leva, necessariamente, ao silêncio atônito, mas pode levar ao registro fotográfico. O simpósio dedicou-se à fotografia alemã de 1840 a 1940, portanto, a fotografia do século entre o nascimento dos movimentos liberais e socialistas e a tomada do poder e da provocação da guerra pelos nazistas. Daí o poder sugestivo do título "When words fail": O processo pelo qual um dos povos mais cultos da Terra desliscou rumo ao inferno pode desafiar a compreensão racional, sendo impensável, mas é fotografável.

A prova de que o impensável é fotografável nos é fornecida por livro lançado em São Paulo no início de 82: "Onze está Abel, teu irmão", de Joe J. Heydecker, editado pela Atlantis Livros Ltd, São Paulo. Trata-se de um fotodocumentário sobre o gueto de Varsóvia, comentado por texto trilingue (português, inglês, alemão) e com planejamento gráfico de Fred Jordan. O autor era soldado alemão que, no início de 1941, durante poucas horas, e clandestinamente, fotografou cenas do gueto, procurando depois "explicar" a sua experiência em palavras. Estas, porém, falham nas suas três intenções: na de tornar concebível a experiência do autor; na de tornar concebível a mensagem das fotografias; e na de tornar concebível o nazismo. Falham necessariamente e não por inépcia do autor. Tais coisas são inconcebíveis. Mas nem por isso devem ser caladas. Wittgenstein está enganado: "o que não pode ser pensado, não deve ser calado".

Encontro-me, pois, em beco sem saída. Quero falar sobre o que acabo de definir como "coisas inconcebíveis" e quero fazê-lo porque estou convencido de que tais coisas não devem ser caladas. Mas posso sair do beco. Não, por certo, pelo abandono das palavras, pois são elas a maneira pela qual estou no mundo. Quando as palavras falham, eu pifo. Posso sair do beco se recor-

rer a palavras de segunda ordem, ou seja, a palavras sobre palavras; palavras que não visem conceber o inconcebível (o gueto), mas que visem conceber a impossibilidade de se conceber o gueto. Tais palavras de segunda ordem são chamadas "teoria". Para sair do beco sem saída para o qual o livro de Heydecker me empurrou, obrigando-me a fazer face ao inconcebível, recorro à teoria. Recurso pobre; não obstante, um recurso.

Eis a teoria que proponho para conceber o fato de que as fotografias de Heydecker são inconcebíveis: dispomos de vários métodos para nos orientarmos no mundo. Um deles é a imaginação: nossa capacidade de representarmos o mundo por imagens. Um outro é a razão: nossa capacidade de representarmos o mundo por símbolos claros e definidos, os conceitos. (Há outros métodos para a orientação no mundo, mas aqui não vêm ao caso). Tanto a imaginação quanto a razão são "codificadas". Um dos códigos da imaginação é a fotografia; um dos códigos da razão é a língua portuguesa. Em situações "normais", imaginação e razão se complementam e se reforçam mutuamente. A fotografia ilustra o discurso em português e o discurso em português explica a fotografia. Assim, a imaginação se torna racional e a razão se torna imaginativa. Eis o que procurou fazer o livro "Onde está Abel, teu irmão?".

Mas há "situações de limite" em que a complementaridade entre imaginação e razão se revela inoperante. Situações extremas nas quais falham ou as imagens ou as palavras. Exemplo do primeiro caso é fornecido pela física pós-newtoniana. O universo do discurso da física atual é rigorosamente concebível e calculável apenas, isto é, rigorosamente inimaginável. Se procurarmos imaginar o significado da equação de Einstein, não estaremos tornando a razão mais imaginativa. Estamos, isto sim, diluindo a razão e falseando o seu universo. Exemplo do segundo caso é fornecido pelo livro de Heydecker. O universo do gueto de Varsóvia é inconcebível, é apenas desenhável (pag. 79) e fotografável. Se procurarmos conceber o significado de tais fotografias, não estaremos tornando a imaginação mais racional. Estamos, isto sim, diluindo o horror do gueto e o falseando. É por isto que o livro comentado falha no texto: seu significado é situação onde todas as palavras falham.

A teoria aqui proposta exige que elucidemos um pouco tais "situações de limite", em que a dialética entre imaginação e

razão não mais funciona; são situações patológicas onde uma das duas dimensões existenciais atrofia. O universo da física atual é trans-humano; o universo do gueto de Varsóvia é infra-humano. A des-humanidade das duas situações se manifesta pela falência da imaginação, no primeiro caso, e da razão, no segundo. Não é por acaso que as duas situações se produzem simultaneamente; são os dois lados da mesma moeda. A transgressão dos limites da existência leva, por um lado, à razão desenfreada (à ciência "isenta de valores") e, por outro, à imaginação anti-racional (ao gueto). O nazismo é manifestação dessa dupla transgressão patológica: razão desenfreada em função de imaginação anti-racional, ciência a serviço do gueto.

O perigo inerente a tal teorização é que a transgressão pode ser interpretada como espécie de heroísmo. Como se, ao transgredirmos os limites da existência, estivéssemos imitando os crimes prometeico ou luciferino. O grande mérito desse livro é precisamente o de documentar o contrário. As fotografias mostram cenas de inconcebível banalidade. Mostram que a imaginação responsável pelo estabelecimento do gueto é de pobreza idioticamente infra-humana, porque imaginação não iluminada pela razão é imaginação cretina. O mesmo vale, mutatis mutandis, para a razão criadora do universo da ciência e da tecnologia. Os gadgets que jorram do "progresso técnico-científico" são de estupidez inigualada na história da produção humana, porque razão não iluminada pela imaginação é razão cretina. A transgressão dos limites da existência não leva ao heroísmo prometeico, mas à estupidez enlouquecida. O nazismo o prova e o livro de Heydecker o documenta.

Somos, - habitantes do final do século e do milênio-, os herdeiros de tal transgressão. Vivemos sob o signo da razão desenfreada e inimaginável ( os aparelhos ) e sob o signo da imaginação desenfreada e inconcebível ( o gueto ). A distância que nos separa do gueto permite que capturemos simultaneamente as duas faces da moeda: o gueto se revela enquanto aparelho e os aparelhos, enquanto guetos. O inestimável mérito do livro reside no fato de documentar, retrospectivamente, o horror do gueto, e , prospectivamente, o horror exterminador dos aparelhos banais que nos cercam.

Pergunto então: que podemos e que devemos fazer quando falham as imagens face ao progresso da ciência e da técnica?

E quando falham as palavras face à brutalidade assassina das ideologias? E quando o futuro imediato se apresenta ora inimaginável, ora inconcebível? E quando a alternativa se apresenta sob forma de automação inimaginavelmente robotizadora e de catástrofe inconcebivelmente incineradora?

A resposta é óbvia: devemos tentar fazer com que os conceitos voltem a ser imagináveis, e as imagens, concebíveis. Devemos tentar elaborar nova capacidade orientadora que sintetize imaginação e razão em novo nível. Tentar alcançar um nível de consciência onde imaginação e conceituação se "superem". Já dispomos de instrumentos para tanto. As fotos de Heydecke provam. As câmeras fotográficas podem funcionar não como media de uma imaginação desenfreada, mas como instrumento de uma crítica à imaginação desenfreada. Devemos reaprender a fotografar, ou seja, aprender o código de uma imaginação em novo nível, passada pelo crivo da razão teórica.

O livro comentado não consegue ainda, por certo, alcançar tal nível. Mas aponta um dos caminhos possíveis para nos sairmos das alternativas do futuro imediato. O caminho do impensável articulado por fotografias como crítica do passado impensável é evitar um futuro impensável. Assim decifrado, acredito que o livro "Onde está Abel, teu irmão?" seja indispensável para quem quiser orientar-se na situação atual a fim de agir sobre ela.

\*\*\*\*\*